Data: 04.04.2021

Titulo: Emmeline da Cunha, uma médica goesa pioneira

Pub: Público P2

Tipo: Jornal Nacional Diário **Secção:** Nacional **Pág:** 1;16;17

Área: 1432cm²/ 51%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7101074

Emmeline da Cunha, uma médica goesa pioneira P16/17

Data: 04.04.2021
Titulo: Emmeline da Cunha, uma médica goesa pioneira
Pub: Público P2
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 1;16;17
Área: 1432cm²/ 51%
Tiragem: 72.253
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7101074

O Instituto de Ciências Sociais (ICS) é uma escola da Universidade de Lisboa e um laboratório associado do Sistema Científico Nacional dedicado à investigação, aos estudos pós-graduados e à divulgação de ciência nas áreas de Antropologia, Ciência Política, Economia, Geografia, História, Psicologia Social e Sociologia (www.ics.ulisboa.pt). Durante um ano, todos os domingos, investigadoras e investigadores com diferentes formações, idades e percursos académicos partilham o seu trabalho com os leitores do P2

Emmeline da Cunha, uma médica goesa pioneira no meio da peste de Bombaim

Ciências Sociais em Público (LIII) Análise Emmeline da Cunha é considerada a primeira médica goesa. A sua licenciatura em Bombaim coincidiu com o deflagrar da peste bubónica, em 1896, e foi no porto desta grande cidade da Índia britânica que começou a trabalhar. Partiu depois para a Europa para uma breve mas intensa carreira. O seu percurso, cosmopolita e contraditório, permite-nos refletir sobre os cruzamentos entre género, ciência e colonialismo

Por Filipa Lowndes Vicente

O Grant Medical College, a primeira universidade de medicina ocidental na Índia colonial britânica, foi inaugurado em Bombaim em 1845. Quase quarenta anos depois, em 1884, começou a aceitar mulheres, antes de várias universidades europeias. A primeira a licenciar-se, em 1892, foi Freny Cama, parsi, comunidade progressista de Bombaim. Quatro anos depois, são já seis as mulheres a concluir Medicina: outra parsi, Manak Turkhad; quatro britânicas e Emmeline da Cunha (1873-1972), indiana de nacionalidade portuguesa, por ter nascido em Pangim, criada em Bombaim por pais goeses católicos. Durante o curso, Emmeline ganhou vários prémios universitários. O seu nome aparece regularmente enunciado como a primeira médica goesa e é provável que tenha sido, embora as afirmações de pioneirismo corram sempre o risco de serem incertas.

No artigo *Women Physicians as Vital Intermediaries in Colonial Bombay*, Mridula Ramanna identificou a origem de todas as mulheres licenciadas no Grant Medical College entre 1892 e 1915. A maioria, 31 casos, é parsi. O segundo grupo mais numeroso, com 17 nomes, é o das indianas cristãs, ou seja, com origem nas comunidades que em diferentes momentos da história tinham estado sob domínio português e por isso, convertidas ao cristianismo. Há ainda oito hindus e duas judias.

No mesmo ano em que Emmeline e as colegas se licenciam, 1896, a doença que assolava um bairro de lata de Bombaim foi identificada como sendo peste bubónica. Já tinha havido um surto na China e, até à viragem do século, outros surtos surgiriam naquela que foi considerada a terceira pandemia de peste da história. O enorme desenvolvimento da navegação ao longo do século XIX aumentou a circulação global de pessoas e bens e fez com que cidades portuárias como Bombaim se tornassem especialmente vulneráveis à circulação da doença. Emmeline da Cunha foi nomeada médica-inspetora no Porto de Bombaim, durante os primeiros anos da peste, antes de partir para Itália e Inglaterra para prosseguir os seus estudos em bacteriologia e medicina.

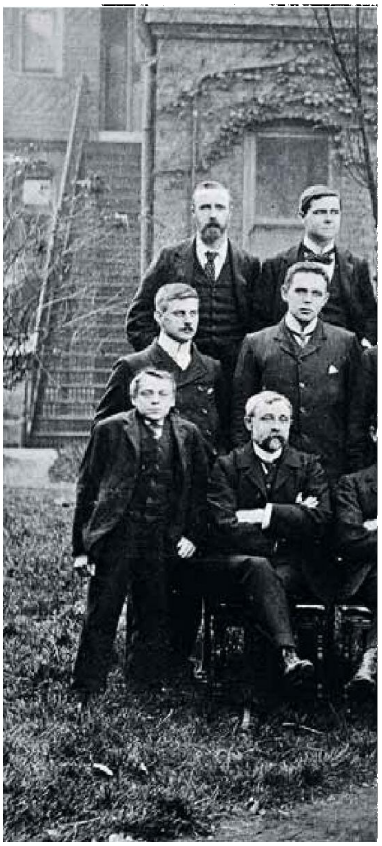
Quem era Emmeline da Cunha?

Emelina Maria Antonieta da Cunha, ou Emmeline da Cunha, nome já inglesado, era fruto do meio mais privilegiado da comunidade goesa de Bombaim, os brâmanes católicos. Filha de Ana Rita da Gama e do médico e historiador José Gerson da Cunha, nascera em Pangim em 1873, numa das estadias longas que os pais faziam na terra natal. Prova de que o casal investiu tanto na educação das duas filhas como na do filho, é que Olívia, a outra irmã, estudou Arte em Florença depois de se graduar na Universidade de Bombaim.

A análise histórica tem identificado alguns padrões constantes na relação das mulheres com o conhecimento ou a criatividade, desde o século XVI um deles é o modo como o incentivo dos pais, homens, era determinante para as filhas prosseguirem estudos. Parece ser o caso de Emmeline. Numa carta dirigida ao orientalista italiano, Angelo de Gubernatis, em 1897, Gerson da Cunha escreve como os filhos "estudam todos com aproveitamento". "Têm-me dado, graças a Deus, muito prazer e satisfação. A minha filha mais velha vai concluir o seu curso de medicina". Numa outra carta enviada de Bombaim para Florença muito antes, em 1883, o pai, orgulhoso, referia como Emmeline, então com nove anos, tinha feito exames e fora proposta para o "primeiro prémio da sua classe".

Esta correspondência entre Gerson da Cunha e o indianista De Gubernatis, na secção de manuscritos da Biblioteca Nacional de Florença, foi o ponto de partida para o meu livro *Outros Orientalismos: a Índia entre Florença em Bombaim* (2009). Foi também neste espólio de dois homens, disponível numa instituição pública, que, pela primeira vez, encontrei o nome desta mulher. Encontrei a filha a seguir ao pai.

Na minha investigação em curso sobre Gerson da Cunha e a produção de conhecimento sobre a Índia, feita por indianos, na segunda metade de Oitocentos, o percurso médico de Emmeline será um capítulo e não uma nota de rodapé, o lugar a que ficaram remetidos tantos nomes femininos. Este caso é exemplificativo. Para conseguir encontrar traços históricos de mulheres é necessário escrutinar arquivos masculinos de um modo criativo e empenhado.



Bombaim, um laboratório científico

Os serviços de Emmelinne como médica inspetora no Porto de Bombaim "mereceram altos louvores no relatório do chefe do serviço sanitário do porto em 1897, e especiais agradecimentos do Governo da cidade em 1897 e 1898, e do presidente da Plague Committee, em 1897", afirma um livro sobre a família Da Cunha.

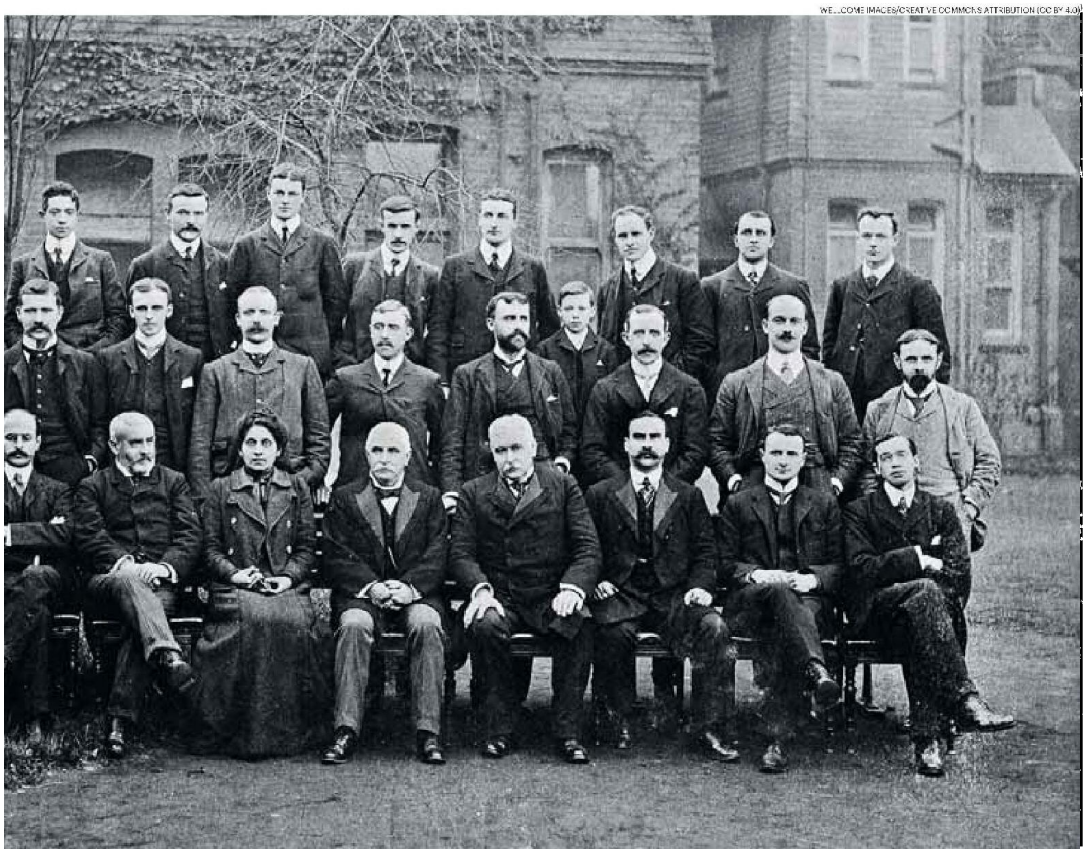
A peste bubónica, identificada apenas em 1894, tinha estado na origem de várias epidemias mortíferas ao longo da história. A diferença agora, em finais de Oitocentos, era que a investigação médica em diferentes países tinha condições para ambicionar uma vacina. Foram várias as comissões de cientistas que de Florença, como da Alemanha e do Egito, viajaram para Bombaim para estudar a peste *in loco*, numa prova de como os circuitos transnacionais da medicina nem sempre coincidiam com os circuitos das relações coloniais.

A comissão florentina, liderada pelo professor Alessandro Lustig, chega a instalar laboratório em Bombaim, em 1897. Objetivo: poder "aplicar na prática as nossas observações de laboratório" vacinando a população com o soro antibubónico criado em Florença. Estaria a ida de Emmeline para estudar bacteriologia em Florença, em 1899, em detrimento de Inglaterra, lugar mais óbvio para quem estudava na Índia britânica, relacionada com os contactos profissionais feitos em Bombaim no contexto do combate à peste bubónica?
Para além das eventuais relações profissionais que Emmeline tivera com os

Data: 04.04.2021
Titulo: Emmeline da Cunha, uma médica goesa pioneira
Pub: Público P2
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 1;16;17
Área: 1432cm²/ 51%
Tiragem: 72.253
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7101074

Reportagem
Morrer em casa é morrer melhor?

QuickCom comunicação integrada


WELLCOME IMAGES/CREATIVE COMMONS ATTRIBUTION (CC BY 4.0)

investigadores que se instalaram em Bombaim, o seu pai, Gerson, tinha uma relação estreita com Itália: em 1878 passara lá uma temporada, para participar no Congresso Internacional de Orientalistas de Florença e para fazer investigação nos arquivos históricos do Vaticano, em Roma.

Esta conjuntura ajuda a explicar o facto de, em 1899, as três mulheres da família estarem instaladas em Florença. A tese final de Emmeline da Cunha, em italiano, encontra-se em acesso aberto, no âmbito de um projeto de inventariação de todas as teses das mulheres que estudaram na universidade de Florença desde 1875 até à II Guerra Mundial.

Esperava-se que o pai regressasse a Itália para se juntar à família, mas a peste bubónica apanha-o em Bombaim, em 1900, e é lá que morre aos 56 anos. Depois desta data voltamos a encontrar referências à sua filha mais velha no primeiro trimestre do calendário académico de 1901, em que está matriculada no College of Medicine de Newcastle. Um ano depois, faria os exames finais do Bachelor of Hygiene e em setembro de 1902 obtinha a sua licenciatura.

O facto de Emmeline ter obtido o grau académico apenas num ano era comum para quem, como no seu caso, tinha completado estudos prévios. Este percurso era frequente em sujeitos colonizados que começavam por estudar nas várias instituições de medicina ocidental que o império britânico criara para depois concluir – e legitimar – a sua aprendizagem na metrópole.

Tudo indica que depois de um ano em Newcastle, Emmeline tenha ido logo para Londres. "Miss Emmeline Da Cunha" é assim que aparece no arquivo histórico da London School of Tropical Medicine, onde estudou no primeiro trimestre de 1902. Uma fotografia de grupo (acima) marca a sua passagem pela prestigiada instituição de medicina tropical. Encontrar Emmeline entre os outros estudantes e professores é fácil. É a única mulher e a única pessoa de origem não-europeia. A sua passagem por Londres deixa uma marca mais pública, já que participa num estudo científico e, ao lado de 13 colegas, assina um artigo numa das mais prestigiadas revistas médicas da época, o *British Medical Journal*. O texto, de 22 de novembro de 1902, descrevia a identificação do parasita protozoário tripanossoma – que causava a doença do sono no ser humano. Foi polémico e deu azo a várias réplicas nas publicações seguintes.

A única
Emmeline da Cunha na London School of Tropical Medicine, a única mulher entre alunos e professores. Depois da passagem por esta escola, em 1902, o seu percurso académico e profissional deixa de ter rasto

Entre vida familiar e a carreira

São inúmeros os casos de mulheres nos séculos XIX e XX em que casamento e maternidade significam o fim do exercício da profissão ou dos estudos. Foi também o caso de Emmeline. A sua biografia foi cortada ao meio antes e depois do casamento, a maior parte da sua longa vida (morreu na véspera de fazer 100 anos).

A primeira parte da biografia corresponde ao usufruto de todas as possibilidades de formação científica a que pode aceder. A segunda parte implica o seu desaparecimento das fontes escritas. O casamento, em Londres, em 1904, aos 31 anos, com um médico goês de formação britânica, foi a fronteira. A sua educação tinha sido tão ou mais completa e cosmopolita do que a do marido Francisco Xavier Santana da Costa, mas o regresso à Índia logo em 1904 determinou um caminho distinto para um e para outro – o género a marcar os percursos profissionais.

Começam por se instalar em Margão, onde ele exerce como médico e diretor de um hospício. De Emmeline já não há notícias. Em 1908 partiram para Bangalore, cidade da Índia britânica, onde Santana da Costa se tornou médico e diretor do Hospital de Santa Marta. Tiveram seis filhos. De médica e cientista passou a mulher de médico e a mãe. O modo como as relações pessoais se entrelaçam com os percursos profissionais é muito mais determinante para as mulheres do que para os homens. As dimensões subjetivas e invisíveis – das negociações familiares, dos contextos domésticos e afetivos, dos pais e maridos – afetaram as escolhas públicas e profissionais femininas. Vimos como o pai de Emmeline foi determinante para a sua breve carreira académica. Terá o marido também um papel importante na sua decisão de não ter prosseguido um itinerário na medicina?

Dois impérios

E o espaço geográfico? Viver em Goa ou em Bombaim significaria possibilidades diferentes para as mulheres goesas do século XIX? Seria a Índia colonial britânica uma oportunidade adicional para a emancipação intelectual das mulheres para lá da esfera privada? Penso que sim e assim o tentei demonstrar num artigo sobre as mulheres goesas que publicaram durante este período. A sofisticada cultura de imprensa que se vivia na Goa de Oitocentos – estudada no livro de Rochelle Pinto, *Between Empires, Print and Politics in Goa* e tema do projeto Pensando Goa da Universidade de São Paulo, do qual faço parte – era sobretudo uma cultura masculina, onde os saberes das mulheres se manifestavam dentro de casa, e os dos homens, nas muitas publicações impressas em tipografias de Pangim a Margão ou Bastorá.

Emmeline personifica as contradições vividas por tantas outras mulheres durante este período histórico, na Índia como na Europa – usufruiu de todas as possibilidades académicas que na transição do século se abriam ao sexo feminino e o seu talento ficou em registos escritos. Mas o prenúncio prometedor sucumbiu à força da norma.

A Índia britânica tinha ainda outra vantagem para os goeses e esta afetava ambos os géneros – a possibilidade de tornarem mais ambíguo o seu estatuto de "colonizados", categoria que lhes era inevitavelmente adscrita, fosse na Índia portuguesa, fosse em Portugal-metrópole colonial. Na Índia britânica, mas sobretudo nessa cidade cosmopolita que era a Bombaim de finais do século XIX, a identidade híbrida dos goeses continha algo de emancipatório. Eram indianos de nacionalidade portuguesa e por isso não estavam sujeitos ao governo britânico, como estavam os indianos da Índia britânica.

A relação de goeses com a medicina vem também invalidar oposições fáceis entre medicina ocidental-europeia, por um lado, e medicina indiana-Ayurveda, por outro. No contexto do império português, desde o século XVI que a medicina dita ocidental era parte intrínseca da cultura goesa, sobretudo daqueles convertidos à religião e à língua. Quando o pai de Emmeline escreve um ensaio histórico sobre a vida e o trabalho do judeu português Garcia de Orta em Bombaim afirma também como a genealogia da medicina e botânica Quinhentista era indissociável da história da Índia.

Mas as potenciais vantagens desta comunidade goesa em viver numa cidade como Bombaim na sua identidade colonial, em geral, como na maior abertura para o género feminino – tiveram um preço. Nos interstícios e fronteiras entre contextos imperiais, os goeses de Bombaim tenderam a ficar de fora das lentes de observação das historiografias, quer britânica, quer portuguesa, mais centradas nos eixos entre as metrópoles e as colónias. Pelo contrário, é nestes lugares híbridos, de múltiplas geografias, línguas e culturas, que se encontram personagens como Emmeline Da Cunha. Cosmopolita, nos seus itinerários transnacionais na medicina, como na própria identidade. Contraditória, nos modos como renunciou a uma carreira científica promissora para desaparecer dos traços da história.

Historiadora, ICS-ULisboa